

Os Impactos do Tempo de Tela no Desenvolvimento de Crianças Neuroatípicas¹

Adriana de Souza Reis²

Debora Maria dos Santos³

Universidade Estadual do Piauí - UESPI

RESUMO

Este estudo investiga os impactos do uso excessivo de dispositivos midiáticos no desenvolvimento de crianças neuroatípicas. A pesquisa, de abordagem qualitativa, inclui revisão bibliográfica e entrevista semiestruturada com a psicopedagoga clínica Alessandra Leandro de Moraes, realizada em novembro de 2024 na cidade de Picos (PI). Os resultados apontam prejuízos na comunicação e no comportamento infantil causados pelo excesso de tela. Destaca-se a importância da mediação adulta, da escolhas de conteúdos adequados, de políticas públicas e da capacitação profissional. A base teórica envolve estudos sobre desenvolvimento infantil, comunicação e uso de tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: uso de tela; exposição precoce, infância; crianças neuroatípicas, consumo midiático.

INTRODUÇÃO

Segundo a pesquisadora Debora M. Santos (2025), a conexão com a internet e os dispositivos midiáticos permeiam as diferentes definições do conceito de infância na sociedade contemporânea. Essa influência se intensificou durante a pandemia de Covid-19, atravessando os espaços de socialização onde a vida passou a ser mediada através de telas, inclusive sendo utilizados no processo de educação através de aulas online.

As mídias digitais se apresentam como um novo campo a ser explorado de entretenimento e socialização para as crianças, e, na medida em que elas ocupam esses espaços, as discussões e as preocupações sobre as estratégias de proteção de público nas redes sociais também aumentam (Santos, 2025, p.19).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Processos Midiáticos, Infância e Juventude), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 4º. período do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI - Picos), e-mail: adrianareis@aluno.uespi.br.

³ Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), email: deboramariasantos1@gmail.com.

Embora os dispositivos midiáticos possam representar instrumentos importantes no contexto do desenvolvimento infantil, ao fornecerem recursos de natureza educativa e lúdica, sua utilização excessiva e precoce suscita preocupações significativas. Por um lado, esses aparatos tecnológicos desempenham um papel positivo como ferramentas interdisciplinares, ao facilitar o processo de aprendizagem e tornar o ambiente educacional mais dinâmico e atrativo. Por outro, seu uso exacerbado tem sido associado à dependência digital, além de estar relacionado ao surgimento de alterações comportamentais, sociais e psicológicas.

Para Ortega (2008) “Os indivíduos autodenominados “neurodiversos”⁴ consideram-se “neurologicamente diferentes”, ou “neuroatípicos””. Uma das precursoras na criação de paradigmas que promovem a valorização das diferenças humanas foi a socióloga australiana Judy Singer, que, no final do século XX, cunhou a expressão “neurodiversidade”⁵. Segundo a autora, o termo refere-se à compreensão de que condições neurológicas diferentes do “padrão” são variações naturais do funcionamento humano.

A gestão do uso de telas é especialmente desafiadora em crianças neuroatípicas, que tendem a ter mais dificuldades com frustrações e rotinas. Por isso, é comum que responsáveis flexibilizem regras para evitar conflitos, o que pode intensificar os impactos negativos do uso excessivo. Este trabalho busca discutir esses efeitos no desenvolvimento infantil.

METODOLOGIA

Este estudo, de abordagem qualitativa, inclui revisão bibliográfica e entrevista semi-estruturada. A pesquisa bibliográfica reuniu e analisou criticamente conhecimentos sobre os impactos do tempo de tela no desenvolvimento de crianças neuroatípicas, utilizando livros, artigos científicos e publicações de instituições especializadas. O caráter qualitativo, segundo Richardson (2007, p. 90), tenta compreender os significados e as características das situações apresentadas. A entrevista

⁴ Um grupo de pessoas é neurodiverso se um ou mais membros do grupo diferem substancialmente de outros membros, em termos de seu funcionamento neurocognitivo. Disponível: <https://neuroqueer.com/neurodiversity-terms-and-definitions/>. Acesso em 3 maio 2025.

⁵ Diversidade das mentes humanas, a variação infinita no funcionamento neurocognitivo dentro de nossa espécie. Disponível: <https://neuroqueer.com/neurodiversity-terms-and-definitions/>. Acesso em 3 maio 2025.

semiestruturada abordou questões relacionadas ao tempo de tela, comportamento infantil, impactos no processo de aprendizagem e sugestões de intervenção.

A entrevista foi realizada de forma semiestruturada nos dias 21 e 22 de novembro de 2024, na cidade de Picos, no estado do Piauí, e foi dividida em duas etapas: a primeira via WhatsApp por meio de mensagem de áudio e a segunda de forma presencial, com duração de aproximadamente 9 minutos de áudio gravado com o consentimento. A psicopedagoga clínica Alessandra Leandro de Moraes foi entrevistada e respondeu oito questões relacionadas ao tempo de tela, comportamento infantil, impactos no processo de aprendizagem e sugestões de intervenção.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico discute a relação entre o uso de tecnologias digitais e o desenvolvimento infantil, com ênfase em crianças neuroatípicas. Alguns autores destacados incluem Judy Singer, citada em Alencar et al. (2021), que cunhou o termo "neurodiversidade" e Piaget, citado em Santos (2018), cuja teoria aborda a construção moral e social por meio de estágios. Também foram consideradas as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), da Academia Americana de Pediatria (AAP) e da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) sobre o uso seguro de telas na infância.

Durante a primeira infância (zero a seis anos) e a segunda infância (sete a 12 anos), ocorrem etapas cruciais do desenvolvimento psicomotor, cognitivo e socioemocional. No contexto do desenvolvimento humano, a pesquisadora Debora M. Santos afirma, com base na teoria de Piaget (1971), que a construção dos conteúdos morais e sociais ocorre por meio de uma sequência de estágios (Santos, 2018, p.31). Essas fases são críticas, uma vez que os estímulos recebidos, as interações sociais e as experiências vivenciadas influenciam no desenvolvimento das competências emocionais e relacionais do ser humano. Amato et al. (2025) explica sobre o processo de desenvolvimento:

Durante o desenvolvimento ocorrem as podas neurais, que caracterizam-se como o processo de refinar as habilidades aprendidas e descartar os neurônios e conexões que não estão sendo utilizados. Este processo depende diretamente dos estímulos dados às crianças, sendo necessário compreender e cuidar da forma como estes estímulos repercutem no desenvolvimento, para que estes sejam o mais adequados possíveis (Amato et al., 2025).

Nesse cenário, a exposição precoce e desregulada a telas configura-se como um fator de risco que demanda análise contínua e aprofundada por parte de pesquisadores e profissionais da saúde e educação.

Segundo Tonin et al. (2022), entidades como a Organização Mundial da Saúde⁶ (OMS, 2019), a Academia Americana de Pediatria⁷ (AAP, 2016) e a Sociedade Brasileira de Pediatria⁸ (SBP, 2016) orientam que crianças menores de dois anos não devem ser expostas a telas, e que, entre dois e cinco anos, o uso seja limitado a no máximo uma hora por dia; para os maiores de cinco anos, o limite é de duas horas. Embora essas diretrizes se aplicam a todas as crianças, “crianças com transtornos de neurodesenvolvimento passam mais tempo expostas à televisão, prejudicando o aprendizado e limitando interações sociais que são essenciais com os pais (Pons et al., 2022 apud França et al., 2024)”.

ANÁLISE

A partir da análise bibliográfica e das informações obtidas em entrevista, entende-se que a exposição às telas impacta o desenvolvimento infantil tanto de crianças neurotípicas quanto neuroatípicas, mas os efeitos tendem a ser mais intensos em crianças neuroatípicas. Isso ocorre porque as características específicas atribuídas a essas crianças podem contribuir para um uso mais problemático desses dispositivos (Departamento Científico de Neurologia, 2023).

O contexto familiar e socioeconômico também é relevante, pois famílias com sobrecarga emocional ou acesso limitado a recursos terapêuticos podem usar o tempo de tela como estratégia para amenizar conflitos. A mediação ativa dos adultos é essencial para transformar o uso da tecnologia em uma ferramenta de suporte ao desenvolvimento.

A psicopedagoga entrevistada apontou que a seleção criteriosa de aplicativos educativos, o controle de tempo de uso e a integração das tecnologias em atividades educativas e terapêuticas são práticas recomendadas. No entanto, é necessário refletir

⁶ Disponível: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/311664/9786500208764-por.pdf>. Acesso em 3 maio 2025.

⁷ Disponível em: <https://doi.org/10.1542/peds.2016-2592>. Acesso em: 3 maio 2025.

⁸ Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/>. Acesso em: 3 maio de 2025.

sobre a ambiguidade do papel das tecnologias digitais, que podem promover inclusão social e acadêmica — através de aplicativos de comunicação alternativa, jogos de treino cognitivo e plataformas de ensino adaptativo —, por outro, o uso passivo e não orientado pode levar a novas formas de exclusão, em que a criança se isola em bolhas digitais e se distancia das relações interpessoais e do ambiente físico.

Ademais, os impactos do tempo de tela em crianças neuroatípicas, segundo a entrevistada, exigem atenção quanto aos efeitos de longo prazo, como dependência tecnológica e atrasos na formação de habilidades. Por fim, apesar das orientações da OMS, AAP e SBP serem fundamentais como parâmetros, há uma lacuna na formulação de recomendações específicas e práticas para o manejo do uso de telas em populações neurodiversas, sendo necessárias políticas públicas e capacitação de profissionais para que a tecnologia seja um instrumento de apoio e inclusão.

CONCLUSÃO

Em resumo, este estudo aponta que o uso excessivo e desregulado de dispositivos eletrônicos pode ter impactos significativos no desenvolvimento infantil, especialmente em crianças neuroatípicas. A mediação ativa dos adultos e a seleção criteriosa de conteúdos são fundamentais para transformar o uso da tecnologia em uma ferramenta de suporte ao desenvolvimento.

Novas pesquisas são necessárias para compreender melhor os efeitos a longo prazo do tempo de tela em crianças neuroatípicas e desenvolver intervenções inovadoras que potencializam os benefícios das tecnologias digitais no contexto da neurodiversidade.

REFERÊNCIAS

AMATO, H. N.; MONTEIRO, R. C.; ALMEIDA, A. R.; MANTOVANI, H. B.; ROCHA, A. N. D. C. . **Análise comparativa do uso de telas entre crianças com Transtorno do Espectro Autista e crianças sem diagnóstico durante a pandemia de Covid-19.** Caderno Pedagógico, [S. l.], v. 22, n. 4, p. e14446, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n4-259. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/14446>. Acesso em: 4 maio. 2025.

FRANÇA, A. F. M.; SILVA, E. N.; FEITOSA, A. N. A.; SEABRA, C. A. M.; FRANÇA, J. L. **Riscos do Tempo Excessivo de Telas no Desenvolvimento de Transtornos Mentais e de Neurodesenvolvimento em Crianças: Uma Revisão Integrativa da Literatura.** Revista Brasileira de Psiquiatria Infantil, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 123-139, 2025. Disponível em:

https://www.interdisciplinaresmaude.com.br/Volume_32/Trabalho_80_2024.pdf. Acesso em: 5 maio. 2025.

ORTEGA, F. **O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade**. Mana, v. 14, n. 2, p. 477-509, 2008.

PINHO, Alexandre de Paula. **Inclusão de pessoas neurodivergentes no mercado de trabalho e o papel da ergonomia nessa inclusão**. 2024. 33 f. Monografia (Graduação em Engenharia de Produção) - Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2024. Disponível em: <http://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/6697>. Acesso em: 5 maio de 2025.

SAMPAIO, Inês Vitorino; GUEDES, Brenda (orgs.). **Cri@nças, adolescentes e jov3ns: #riscos e #oportunidades na cultura digital**. Curitiba: Pimenta Cultural, 2024, 2022. DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-320-2. Disponível em: <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-320-2>. Acesso em: 5 maio de 2025.

SANTOS, Debora Maria dos. **Comunicação mercadológica infantil em tempos de capitalismo de vigilância: uma análise sobre a eficácia das ferramentas de “controle parental” em Redes Sociais Digitais**. Tese (Doutorado em Comunicação) - PPGCOM - UFPE, Recife, 2025.

SANTOS, Debora Maria dos. **Infâncias e jogos digitais : uma investigação sobre o consumo infantil a partir do Minecraft**. 2018. 109 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/7612>. Acesso em: 5 maio de 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Transtorno do espectro autista e telas**. Nota de Alerta n. 119, 28 nov. 2023. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/transtorno-do-espectro-autista-e-telas/>. Acesso em: 26 abr.2025.

TONIN, Juliana; MARTINS, Gabriela Dal Forno; SEHAPARINI, Indianara; FRIZZO, Giana Bitencourt. Zero telas para bebês: ficção científica?. In: SAMPAIO, Inês Vitorino; GUEDES, Brenda (orgs.). **Cri@nças, adolescentes e jov3ns: #riscos e #oportunidades na cultura digital**. Curitiba: Pimenta Cultural, 2024, 2022. DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-320-2. p. 261-266. Disponível em: <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-320-2>. Acesso em: 5 maio de 2025.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 Ed., São Paulo: Atlas, 2007.